ESCULTURAS

GONZAGA

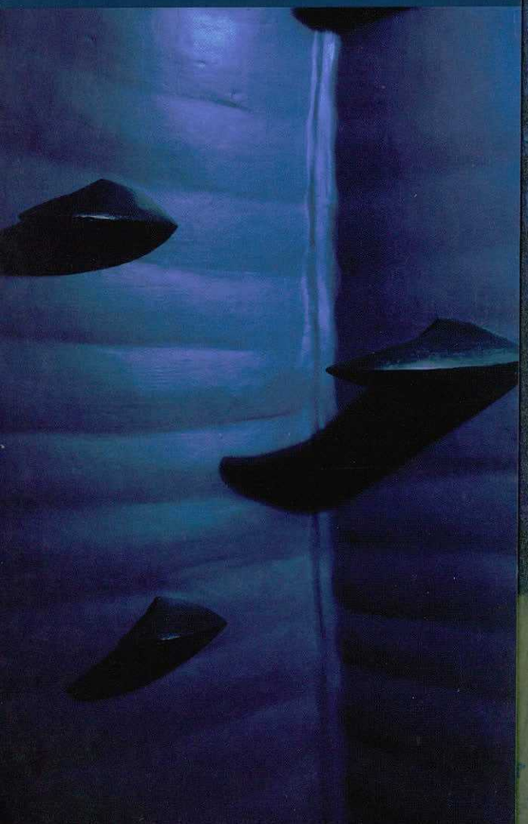
SEMINAL

MARGS

MUSEU DE ARTE
DO RIO GRANDE DO SUL
ADO MALAGOLI

Reproduções fotográficas: Pierre Yves Refalo

O artista dedica a exposição às suas filhas:
Manuela e Talita.



G O N Z A G A

Governador do Estado do Rio Grande do Sul
Olívio Dutra

Secretário de Estado da Cultura
Luiz Marques

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL ADO MALAGOLI - MARGS

Diretor
Fábio Luiz Borgatti Coutinho

Conselho Consultivo
Ana Maria Albani de Carvalho, Armindo Trevisan, Danúbio Gonçalves, Justo Werlang,
Liana Timm, Marilene Burtet Pietá, Nico Rocha, Roberto Pandolfo, Renato Malcon

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MARGS - AAMARGS

Presidente
Justo Werlang

Diretoria
Marco Antônio König de Oliveira, Paula Ramos, Clarice Charnesky, Moacir Kruchin, Heloísa Crocco

Realização

MARGS
MUSEU DE ARTE
DO RIO GRANDE DO SUL
ADO MALAGOLI

GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria da Cultura

ESCULTURAS

GONZAGA

SEMINAL

De 13 de junho a 14 de julho de 2002

Índice

Apresentação
Fábio Luiz Borgatti Coutinho 09

Esculturas com fibra e presença
Eugênia Gorini Esmeraldo 11

Gonzaga e o Naturalismo Integral
Pierre Restany.....35

Currículo 46

Logística e Créditos da Exposição.....47

grande noturno: orvalho, areia e perfume
da terra de pindorama
escultura em resina
140 cm x 63 cm x 20 cm
1999

Apresentação

Dentro da perspectiva de oferecer ao público mostras de relevância histórica, ou significativas sob o ponto de vista da criação contemporânea, o MARGS recebe em junho as esculturas de Luiz Gonzaga. Será uma oportunidade especial para o espectador se aproximar de obras de grandes dimensões de um de nossos artistas mais originais, num diálogo instigante com as fortes linhas arquitetônicas das pinacotecas do Museu.

Reconhecido pela crítica nacional, Gonzaga é um artista com uma linguagem própria, feita de paradoxos e contrastes, construída na pesquisa de suas raízes e no repertório sempre infinito da natureza.

Sob o título de Seminal, a exposição reúne obras marcantes na trajetória do gaúcho de Júlio de Castilhos, que deixou sua marca em gerações de alunos em Santa Maria e no Instituto de Artes, em Porto Alegre. Através da sensibilidade do curador Alfredo Aquino, é possível percorrer a longa trajetória de Gonzaga, conhecendo algumas peças recentes, além da série Xingú, exibida na XXI Bienal Internacional de São Paulo (1991) e ainda inédita para o público do Rio Grande do Sul. Temos a certeza de que essa exposição, assim como Livros de Waltercio Caldas que abriu a temporada de 2002, será outro momento significativo para divulgar o que há de mais expressivo da nossa arte, objetivo que sempre norteou a Secretaria de Estado da Cultura, através do MARGS, nestes últimos quatro anos.

Fábio Luiz Borgatti Coutinho
Diretor do MARGS

pequeno torso
escultura em cal e cimento
16 cm x 5,8 cm x 4,7 cm
1954

há uma linha curva que permanece
há uma linha curva que se evidencia
na natureza
há uma linha curva que permanece

a água é sinuosa
o rio faz a curva
o desenho que forma a mulher é curvo
o aconchego é curvo

os astros se movimentam no círculo
a vida é gerada no círculo
o círculo, o aro, a curva são permanentes
a forma primeira, a semente é curva

a curva é a raiz das transformações
há uma linha curva na natureza
há uma linha curva que se encontra
há uma linha curva que permanece

gonzaga, maio de 2002

Esculturas com fibra e presença

Eugênia Gorini Esmeraldo (agosto, 2001)

"...é peroba do campo, é o nó da madeira
Caingá, candeia, é o Matita-Pereira
é madeira de vento, tombo da ribanceira,
é mistério profundo, é o queira ou não queira..."
Tom Jobim

Luiz Gonzaga Mello Gomes nasce na cidade de Júlio de Castilhos, no Rio Grande do Sul, em novembro de 1940.
Passa a maior parte de sua infância, até os 11 anos, entre a cidade e uma fazenda. A natureza que o circunda é tão presente, o espaço tão livre que ele parece nem notar. Os brinquedos são produzidos com o que encontra por ali, com o material rústico da região, e assim já se manifesta sua aptidão para o fazer manual. As brincadeiras são as de um menino criado no campo: correr, brincar com a roda d'água que ele mesmo faz e no pedaço de mata fechada mais adiante, tomar banhos de rio no verão, ou no grande açude, nas vizinhanças da lavoura de arroz, sempre agitada pelo vento. É num desses banhos de rio que ele lembra ter plasmado pela primeira vez uma forma, curioso por observar que o lodo do fundo em que pisava podia ser manipulado conforme sua vontade. Sem escolas nas proximidades, os familiares lhe ensinam as primeiras letras e ele assim descobre o mundo. Em casa havia livros disponíveis, coisa que o pai proporcionava. Lembra do nome da fazenda, Batu, situada no município de Tupanciretã, e a vida serena, às margens do rio Ijuí que ali passava.
Essa quietude e a convivência com as pessoas tranqüilas da fazenda certamente iriam colaborar na sua aparência calma, no seu fazer sem pressa e cuidadoso, demonstrado nos trabalhos que viria a executar. O menino então se dedica à leitura, o que não sabe pergunta e surpreende pelo seu interesse por alguns temas. Privilegia a leitura histórica, os episódios épicos, a mitologia e, quando, finalmente aos 11 anos, entra na escola em Júlio de Castilhos, sua bagagem já é expressiva, surpreendendo as professoras. Passa logo para o segundo livro e prossegue normalmente acompanhando os demais colegas.
A paixão pelos livros seria seguida pelo interesse também pelos discos: música clássica e óperas fazem parte de sua distração. No interior do sul do Brasil era freqüente. até os anos 60, escutar-se, nas casas, as rádios que transmitiam de Montevidéo e, principalmente, de Buenos Aires seletos programas de música clássica e, durante a temporada lírica, havia audiências gravadas com os grandes artistas que visitavam a capital portenha apresentando-se no Teatro Colón. Luiz era ouvinte assíduo desses programas radiofônicos.
Interessado em artes plásticas, a não exigência de curso secundário

para entrar na Escola de Belas Artes de Porto Alegre vai permitir que ele ali ingresse assim que termina o ginásio, em 1963. A capital do Estado ele já conhece pois sempre que possível ia assistir a um espetáculo, ver bons filmes ou aproveitar a temporada lírica. Mora inicialmente numa pensão na rua Silva Só, onde fica por um ano e meio, e depois se transfere para um apartamento no bairro do Bom Fim.

A carreira de Luiz Gonzaga Mello Gomes é marcada pela forma, tanto na produção pictórica quanto na escultura, campo em que ele se tornou conhecido. E ao se falar em forma, podemos dizer, também, a presença do corpo feminino a que recorre com freqüência em suas obras. O artista tem realizado, ao longo de sua carreira, trabalhos em várias técnicas, mas, já no período compreendido entre 1963 e 1966, passou a se expressar na escultura, graduando-se nesta área na Escola de Belas Artes de Porto Alegre. Depois disso produziu também pinturas, algumas na técnica do batik sobre seda pura, bastante divulgada no início dos anos 70 no Rio Grande do Sul. Mesmo assim o contato e o manuseio direto da seda, que esta técnica exige, implicam num fazer manual, quase que plasmando as formas resultantes.

Ainda jovem, ele já havia se impressionado com as esculturas religiosas das missões de Santo Ângelo, mas outra grande influência será o Barroco brasileiro, com o qual trava contato em 1966, numa viagem a Salvador, na Bahia. A partir daí interessa-se de novo pela escultura que lhe dá o Primeiro Prêmio no III Salão Cidade de Porto Alegre em 1967. Sua originalidade neste setor o tornará mais tarde conhecido em outros pontos do país. No entanto, há também os mestres Picasso, Matisse e, conforme ele próprio reconhece, Marc Chagall e o seu mundo poético de sonhos, que conhece pelos livros e, mais tarde, nas visitas a museus e galerias em suas viagens.

O Rio Grande do Sul, região que já dera ao Brasil um bom número de escultores como Vasco Prado, Francisco Stockinger e Ione Saldanha, vê o surgimento de mais um escultor.

Em 1969 Luiz Gonzaga começa a dar aulas, lecionando cerâmica na Universidade Federal de Santa Maria. Estava se formando naquela cidade um núcleo voltado para ensino e atividades nas artes plásticas, do qual vários nomes iriam se destacar como, além do próprio Gonzaga, João Quaglia, Yeddo Titze, Berenice Gorini, Paulo Houayek e o crítico Carlos Scarinci.

Durante alguns anos ele se dedica predominantemente à área acadêmica. Como sua disciplina tem envolvimento direto com as formas, as pesquisas vão tendo continuidade, concomitantemente às aulas ministradas aos alunos da universidade. Várias técnicas são experimentadas pelo artista como o batik, já citado, a cerâmica e a tapeçaria. Casa-se, em 1972, com Neusa Demartini, também professora na área de comunicações. Em 1975 há um retorno definitivo à escultura, resultando numa exposição individual no Museu de Arte do Rio Grande do Sul. A produção escultórica inicial liga-se a um mundo onírico, mágico, cheio de imagens, em que a influência de Marc Chagall se manifesta.

gonzaga no final dos anos 70, na escuela de bellas artes san fernando, madri, espanha

grande escultura nos jardins da universidade federal de santa maria, rio grande do sul

A figura feminina, recorrente, enquadra-se num perfil de janela, num busto rodeado de elementos tais como a lua, as estrelas e flores. Ou então se apresenta inteira, isolada, sensual. A utilização da madeira dá lugar à cerâmica. Mas a pesquisa dos materiais continuará e, em certo momento, Gonzaga passa a plasmar a resina onde pode, com maior liberdade, utilizar as cores que ele imprime exemplarmente às suas novas produções. São formas inovadoras, intrigantes, selvagens, onde os elementos da natureza mesclam-se misteriosamente a formas humanas ou vegetais em soluções surpreendentes.

Na apresentação de uma mostra de Gonzaga na Universidade. o crítico Carlos Scarinci comentava a intimidade do escultor com o tato dos materiais pois, ao plasmá-los, este praticava a segunda técnica prevista por Michelangelo, sendo a primeira a subtração. E apontava também para a qualidade das outras técnicas ali apresentadas: "Gonzaga é finíssimo desenhista. Já que aludimos a este aspecto, vinculado ao seu eros fundamental, o da escultura, apraz-nos destacar uma série de obras expostas na presente exposição. Como não apreciar a mescla de sutileza, coreografia e essencialidade de seu traço? Atenção, muita atenção: esse artista singularmente discreto não quer impressionar; limita-se a transmitir-nos uma experiência vital privilegiada e, o que é mais, de uma forma privilegiada. Abomina a ênfase e a pose. Tudo nele rege-se pelo ditado: a bom entendedor, meia palavra. Fia-se na apreensão do espectador. Por isso, qualquer coisa que faça apresenta-se-nos como obra aberta, em estado de permanente criação. Cabe ao espectador o ato definitivo, ou seja, assumir a obra, levá-la à sua conclusão psíquica, não material".

Em 1978, a carreira acadêmica o leva a Madri, na Espanha, onde fica por dois anos, freqüentando a Escuela Superior de Bellas Artes San Fernando. Ao mesmo tempo em que se especializa em pintura mural, visita com assiduidade os museus, principalmente o Prado. É o período das grandes viagens: Marrocos, Índia, Egito, Grécia, Nepal. O contato com essas antigas culturas é marcante, mas não constitui uma influência formal. Causa-lhe, no entanto, uma certa inquietação.

Sua cultura, já bastante vasta, se amplia também nas idas a Londres, Paris e à Itália. Para Luiz, a Grécia é o berço da cultura, onde a figura humana, seu maior referencial, está explícita em todas as artes. Porém é imerso no Velho Mundo, próximo da grande produção artística européia, que ele se dá conta de que é a sua história pessoal e suas raízes brasileiras que o interessam e são esses mundos que ele virá a explorar. Antes de retornar ao país, em 1980, Gonzaga expõe na Casa do Brasil, em Madri.

Ao voltar para Santa Maria, submerge na esplêndida casa que ele e sua mulher haviam descoberto e adquirido antes da partida para Madri, construída por antigos imigrantes italianos, próxima da mata característica daqueles últimos e majestosos contrafortes da Serra Geral. O ambiente calmo, colorido, a natureza ao alcance da mão e as noites estreladas produzem uma transformação nas obras do artista. O corpo humano se metamorfoseia com presenças vegetais: cores e texturas comparecem

a noite
escultura em resina
181 cm x 47 cm x 15,5 cm
1989
acervo do masp
museu de arte de são paulo
assis chateaubriand

nas esculturas que Gonzaga passa a produzir. Em 1980 nasce sua primeira filha, Manuela.

A visita do crítico Marc Berkowitz ao seu atelier, em 1984, e os elogios ao trabalho foram o estímulo que Luiz buscava, além do convite para expor no Rio de Janeiro, na Galeria do IBEU, dirigida por ele. Assim ele participa da exposição "Figura hoje", onde sua produção é apreciada em texto de Frederico Morais, em "O Globo". O próprio Berkowitz diria depois: "As figuras fantasmagóricas de Luiz Gonzaga talvez possam ser taxadas ou rotuladas de 'expressionistas', daquele expressionismo dos anos vinte, do 'Gabinete do Dr. Caligari'. Talvez. Mas elas certamente pertencem àquela vertente da arte fantástica que é sempre fascinante, porque permite ao artista trazer à tona o 'seu mundo', os seus fantasmas, os seus mistérios".

A produção escultórica prossegue, num fazer silencioso e meditado, calmo, comedido. Em julho de 1985, transfere-se para Porto Alegre onde monta ateliê e passa a lecionar no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ainda neste ano, dá-se a participação no Panorama de Arte Atual Brasileira, dedicado às Formas Tridimensionais, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Radha Abramo logo anota a presença do escultor que, "trabalha com resinas e cria figuras de porte humano; são famílias surreais. Bonito seu trabalho, colorido e carregado de forte dramaticidade". Também Casimiro Xavier de Mendonça, atento, aponta a novidade da criação do escultor que vem do sul, com "silhuetas humanas, freqüentemente agrupadas como uma família de efeito teatral" que "está mais próximo da linguagem mais moderna da escultura européia, que age sobre o público como um comentário irônico ou poético de elementos da realidade".

A sugestão é sempre de uma figura humana mesclada a outros elementos, um corpo longilíneo pode ter uma forma à guisa de asa lateral, quase um bicho, um fruto ou mesmo uma flor. O surreal se mostra em vazios, concavidades, saliências. As formas podem remeter a perfis de Henri Laurens, as formas côncavas a Henri Moore, mas o colorido faz pensar em Calder. O suporte inferior, reto, funciona como um contraponto colorido para sugerir a tentativa de flutuação que dali assoma.

No ano seguinte, em julho, é inaugurada sua exposição na Galeria Bonino, no Rio de Janeiro. As obras ocupam um maior lugar no espaço, crescem, adquirem mais sinuosidade, avolumam-se em formas peculiares e adquirem outras cores. Em resumo: o artista lhes dá a sua forma, ele se revela. O conjunto é fascinante: as formas se comunicam, há uma unidade, misto de seres humanos com objetos, pássaros, vegetais. As cores impressionam, enquanto as formas remetem a ousadias surrealistas inseridas num mundo tropical, peculiar do artista, mas ao mesmo tempo nosso, brasileiro.

Após a exposição no Rio a mostra vem para São Paulo, a convite de Pietro Maria Bardi, para ser apresentada no Museu de Arte de São Paulo. A apresentação, no amplo espaço do mezzanino, no subsolo do museu,

é inteligentemente colocada por Dan Fialdini, agrupada como que num colóquio silencioso. As formas elegantes e coloridas, centralizadas em conjunto dialogam com as plantas que circundam aquele espaço ao fundo. Ao final da exposição, Gonzaga doa uma das peças ao museu.
A mostra é bem recebida. Olney Krüse comenta seu caráter "estimulante, porque ela é revolucionária em suas formas surrealistas, humanas e orgânicas, com um colorido alegre e bem-humorado". Para Jacob Klintowitz, a ênfase no uso da cor "termina por ter uma importância tão grande no trabalho que, por vezes, faz esquecer a forma. Desta maneira, o artista realiza um objeto a meio caminho entre a escultura e a pintura".
Em 1988 Gonzaga é convidado para participar do Panorama de Arte Atual Brasileira no Museu de Arte Moderna de São Paulo e também para o evento Faculty +1, na *City University of New York*, onde mostrará relevos de parede em forma de bustos.
Em 1989 o artista expõe novamente na Galeria Bonino, no Rio, e na Galeria Skultura, de São Paulo, com a série que denomina Xingú. Na apresentação, Marc Berkowitz anota a independência do artista: "Claro que existem ecos, parentescos longínquos, reflexos das artes indígenas e africana, do surrealismo de Max Ernst, do Art Déco (...) Mas existe sobretudo a personalidade de Luiz Gonzaga, sábia utilização de materiais novos e da cor". Esses trabalhos provocam apreciações de vários críticos.
Carlos Scarinci, num texto de grande força poética, comenta "a estranha beleza das esculturas (...) tiradas de um mundo vegetal, transmutadas em misteriosos seres antropomórficos, quase sempre femininos, cujas partes moldadas, ora em negativo, ora em positivo, involucram-se umas às outras, sem definir, no entanto, a espécie de espaço que habitam. (...) Seres da ausência, deixam a imaginação suspirar poesia e perfumes, lembranças de outros tempos que arrepiam as modernidades rotuladas. (...) São, contudo, formas, mais do que sugestões sensuais. Pois o molde se faz escultura em lugar do modelado, o vazio substitui o cheio, e a percepção tende mais à consciência do processo construtivo do que à captação apenas do resultado acabado. A imaginação é, assim, convocada a fazer o jogo das virtualidades, em vez de tentar apossar-se de objetos definitivos".
Na visão de Evelyn Berg "a escultura de Gonzaga é tão econômica e enxuta (apesar de, muitas vezes, revelar-se voluptuosa) que qualquer passo em falso a aniquilaria. Aceitando o desafio que a própria obra impõe, o escultor embrenha-se neste matagal de possibilidades com determinação (...) Suas figuras, ou as figuras que estão por detrás de suas esculturas, são e não são masculinas e/ou femininas (e não são andróginas). Sua escultura é a carcaça de ambos, é o continente em que transita o conteúdo da vida entre os pólos dicotomizados".

A XXI Bienal Internacional de São Paulo, em 1991 mostra aos seus visitantes o conjunto que Luiz Gonzaga denomina Xingú: o homem e o rio com esculturas sinuosas de grande porte presas ao chão por bases de ferro geométricas. Cria-se uma espécie de contraste entre aquela

o rio
escultura em resina
215 cm x 67 cm x 18 cm
1989
acervo do margs
museu de arte do rio grande do sul
ado malagoli

base vazada e o maciço de resina de texturas variadas, onde o preto predomina num jogo de luz e sombra. Ali está presente o pensamento do próprio artista: "Eu queria fazer uma coisa daqui, nossa. De início pensei na influência da arte negra, mas no fim percebi que a inspiração vinha dos índios, suas formas, suas cores. A arte contemporânea aborda a cidade, o ruído, o visual que temos. O nativo, o índio tem uma percepção diferente - eles ainda observam a natureza. A referência deles é a flor, a ave, o peixe, a água. Todos esses elementos são o parâmetro visual deles. Meu trabalho foi ficando mais limpo ao observar tudo isso".
O trabalho despertará o seguinte comentário de George Nelson Preston, professor do departamento de arte da *City University of New York*: "É como se o homem transcendesse em forma escultural. Sentimos a presença do homem em si, não a astuta adaptação do seu artefato. Sentimos a fusão do espírito africano na terra brasileira. (...) Em uma figura esculpida na textura de uma baga de sementes esconde-se o coração da floresta tropical. Em outra, parece-nos olhar para um tronco de árvore que se parte em dois, apenas para revelar-se a si mesmo como uma figura de mulher indígena de largos ombros, com o peito crivado por formas alongadas, talvez bagas, espinhos e chifres de animais. Em outro torso / árvore vemos, a ondulação da águas do estuário do Amazonas, como metáfora dos contornos de um corpo de mulher".
Sempre em 1991, tem início uma nova temporada em Madri, com Neusa, Manuela e a segunda filha, Talita, nascida em 1983. Gonzaga ali permanece por um ano e quatro meses.
A partir de um certo momento, o ferro comparece mais fortemente nas obras de Gonzaga, bem como um maior geometrismo, ângulos retos, chapas dobradas. A presença da cor diminui e até desaparece por completo, como no monumento para o Memorial aos Mortos e Desaparecidos Políticos, de 1995, com que o artista recebe o primeiro prêmio e que se encontra instalado no Parque Marinha do Brasil, em Porto Alegre. A dureza do material, a rigidez da composição ligam-se ao tema da obra. Há como que uma porta ilusória que se abre para o nada e um espaço lateral compartimentado, com aberturas horizontais vazadas, que podem remeter a uma cela. Esta característica mais dura recorre nas peças que Luiz Gonzaga realizará mais adiante e que sugerem mesas, como também em alguns relevos de parede. Estes porém são suavizados por elementos da natureza neles inseridos, como folhas, bagas ou meras sinuosidades.
As formas vão sendo depuradas, as molduras voltam a se insinuar, mas há sempre a inserção de texturas e sugestões de formas naturais. As esculturas deixam o chão e tomam as paredes, como se observou na mostra "Situações Espaço Forma", realizada na Pinacoteca do Instituto de Artes da UFGRS, em março de 1996. Algumas obras são quase perfis delicados engendrando formas mais densas. Também a exposição na Bolsa de Arte de Porto Alegre, em 1997, mostra essa busca de superfícies retas, mais limpas, como diz o artista.
Em 1996, é convidado pela crítica Radha Abramo para colocar uma obra

há uma linha curva na natureza
escultura em resina
250 cm x 152 cm x 19 cm
2002

em caráter definitivo no Museu de Escultura ao Ar Livre, que deverá ser instalado em São Paulo.

Por algum tempo, Gonzaga passa a elaborar um projeto maior, novamente de escultura pública. Ocorre que, desde o início das operações, a Companhia do Metrô da cidade de São Paulo teve o cuidado de ornamentar várias estações com obras encomendadas a artistas, não só paulistas mas também de outras regiões. O local escolhido para a obra de Gonzaga é a estação Ana Rosa, no bairro de Vila Mariana. O artista executa um painel em resina com suporte de ferro, que denomina "A Sagração da Primavera". Ali vários elementos de suas composições estão reunidos com simplicidade, ritmo e colorido intenso, jogando com a luz lateral: alusões a pássaros, vegetais, ritos, seres humanos. O amarelo e o violeta utilizados contrastam com as paredes de concreto, iluminando o espaço e alegrando a visão dos milhares de transeuntes que por ali circulam.

Simultaneamente à inauguração do painel, em outubro de 1999, foi realizada a exposição de Luiz Gonzaga na Galeria Skultura, em São Paulo. Relevos de grande plasticidade, com títulos carregados de poesia mostraram o esmero e a inventividade do autor. Em alguns momentos as marcas no ferro fundido remetem às cores noturnas que vemos em algumas obras de Lucio Fontana ou nos relevos de Arthur Luiz Piza.

A apresentação do catálogo, de Radha Abramo, prima pela sensibilidade. Para ela, a simplicidade das obras as torna "fortemente expressivas. Esta característica possivelmente represente um dado importante na construção das suas esculturas que mostram o cuidado do artista em não criar conflitos visuais, acoplamentos de imagens, bifurcações de signos e de outras tantas superposições que enfraquecem os valores simbólicos de uma peça, em conseqüência do uso diversificado de paramentos significativos". Ao aludir aos ritos e simbolismos ligados à germinação, desenvolvimento, vida, construção, expressos em poucos materiais - bronze, ferro e resina, ela simplifica toda a escolha do artista e sua "emoção estética". Para Radha, "prosseguindo nesta linha de escavação conceitual da obra de Gonzaga, porque os símbolos não desaparecem de nossas vidas, será preciso humildade para aceitar que somos parte considerável de mitos e de ritos que nos acompanham e nos traem a todo instante e facilitam o reencontro dos fundamentos sígnicos, primevos que afloram nos feitos, principalmente dos artistas. Muito simplesmente o artista desnuda o lado escondido da grande maioria dos mortais. A obra de arte tem o mérito de nos tocar nos pontos adormecidos, ou mesmo desconhecidos, levando-nos ao auto-conhecimento das dificuldades e das qualidades".

O artista nos apresenta nesta nova exposição, ao lado de seus trabalhos recentes, algumas peças produzidas ao longo de sua carreira. O conjunto permite ao espectador ter contato direto com obras que foram fruto de uma dedicação constante e equilibrada.

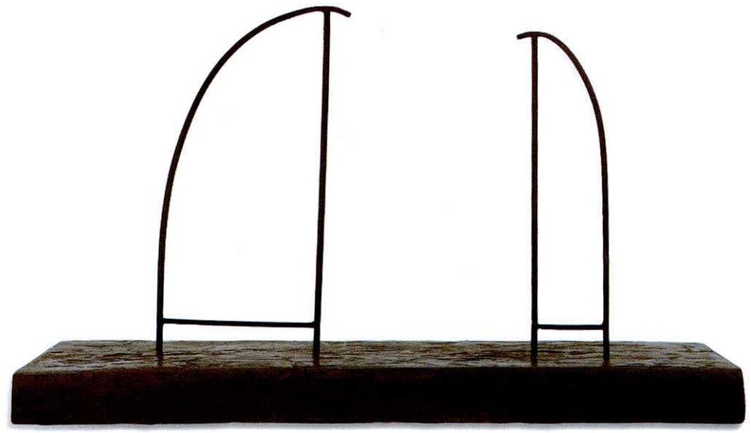
gonzaga em atividade no seu ateliê,
porto alegre, rio grande do sul

Eugênia Gorini Esmeraldo, jornalista, mestre em História da Arte e museóloga. É coordenadora de Intercâmbio do MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (São Paulo - SP)

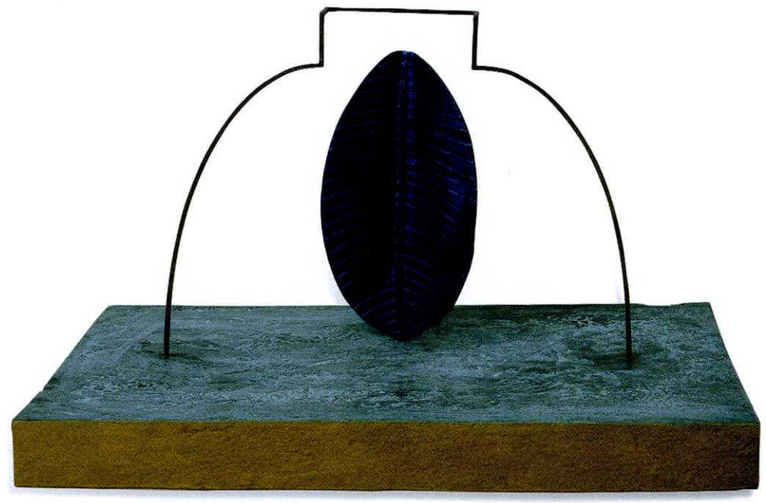
o contorno que fica
escultura em resina
91 cm x 79 cm x 15 cm
2001

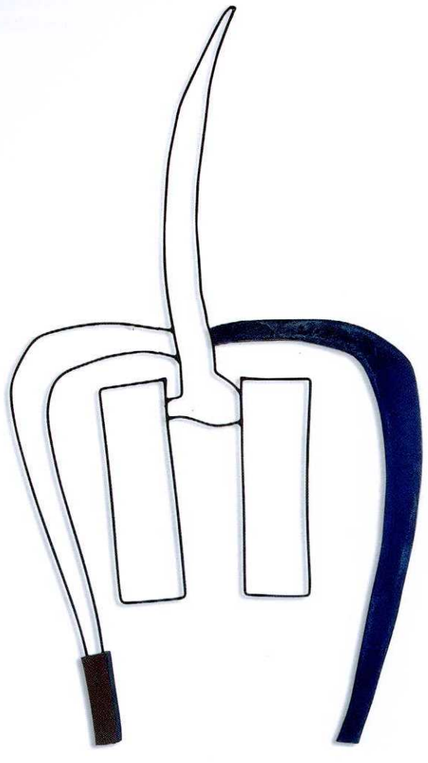
a seiva da terra
escultura em resina
243 cm x 100 cm x 44 cm
1989 / 2002

rito de passagem: o direito de ir e vir
escultura em bronze policromado
32 cm x 53,5 cm x 23,5 cm
2001



seminal
escultura em bronze policromado
36,5 cm x 60,5 cm x 41,5 cm
2001

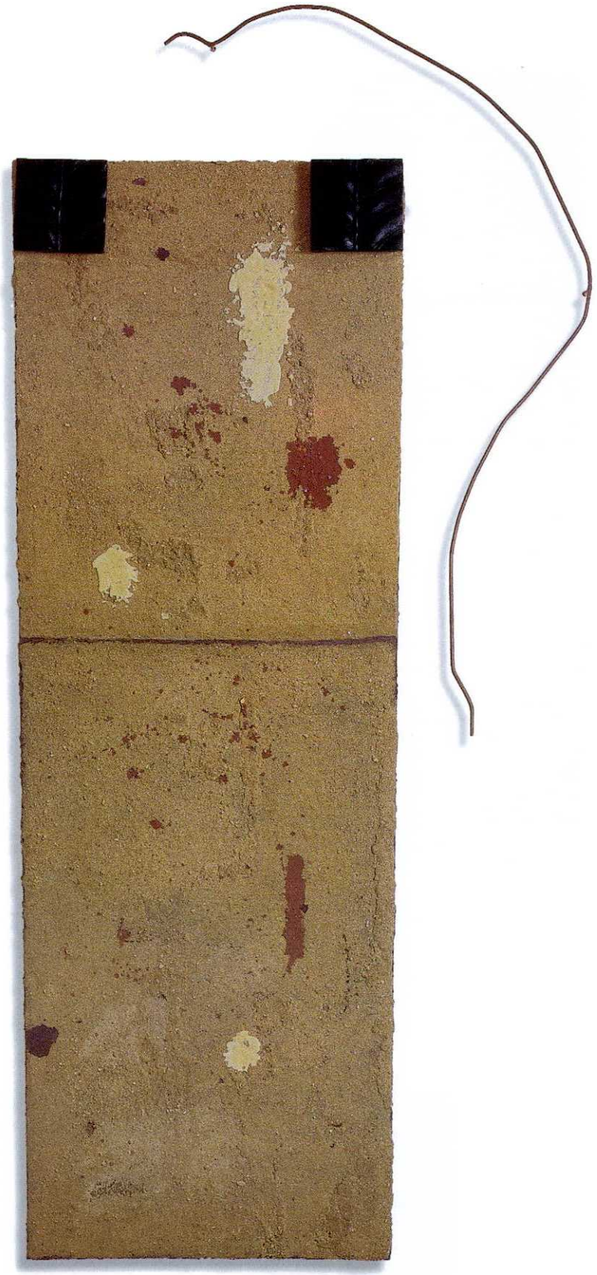




o desenho da lembrança
escultura em ferro e resina
121 cm x 66 cm x 5,5 cm
1996

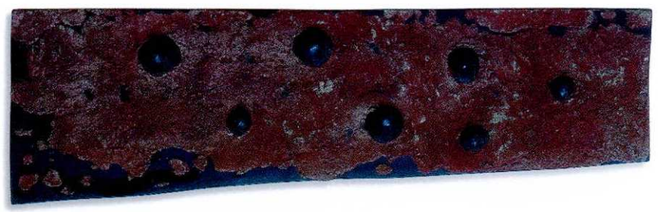
o tesouro da floresta
escultura em bronze e resina
130 cm x 87 cm x 11 cm
1999

o rio, a margem e o percurso
escultura em alumínio, madeira, ferro,
areia, resina e pigmentos naturais
137 cm x 58 cm x 7 cm
1997



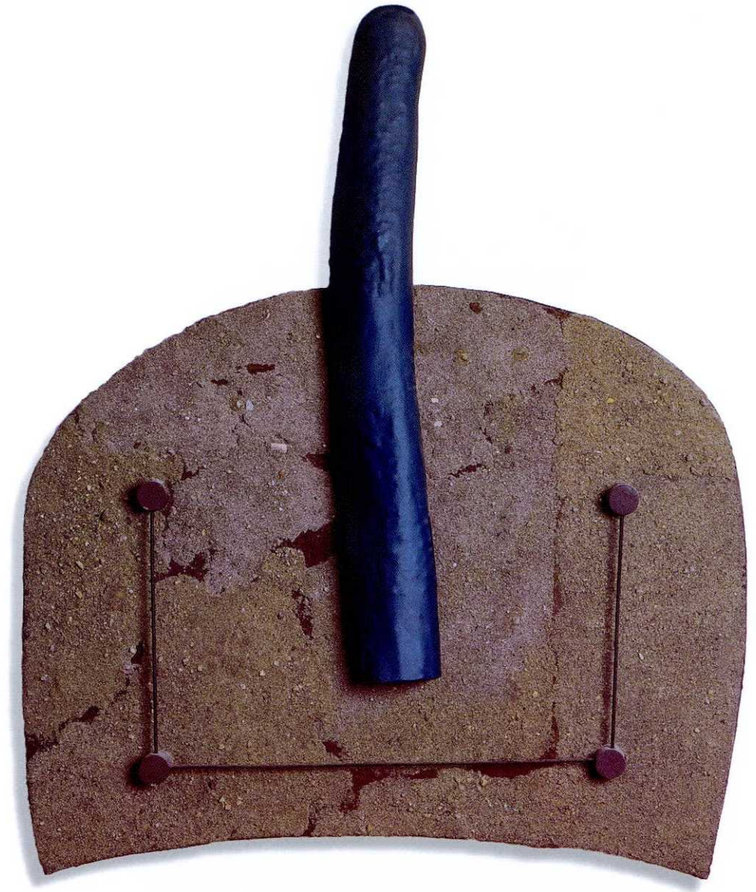
minutos antes do sol nascer
escultura em zinco, madeira, serragem,
resina e pigmentos naturais
181 cm x 64 cm x 11,5 cm
1996

os sons dos astros
escultura em alumínio, madeira,
serragem, resina e pigmentos naturais
171 cm x 44 cm 7 cm
1996



uma parte do caminho
escultura em alumínio, madeira,
serragem, resina e pigmentos naturais
19,5 cm x 63 cm 5 cm
1996

um rio divide o espaço
escultura em resina
90,5 cm x 76,5 cm x 15 cm
1997



o fruto da terra
escultura em resina
82,5 cm x 60 cm x 13 cm
1988
coleção particular

a imagem que fica
escultura em resina
55 cm x 39,5 cm x 9 cm
1989

Não tenho dúvida em afirmar que, com Gonzaga, está surgindo algo de muito importante na arte brasileira, não somente por causa de seu talento pessoal e de sua originalidade, mas por causa do caminho para onde aponta.

marc berkowitz, julho de 1986

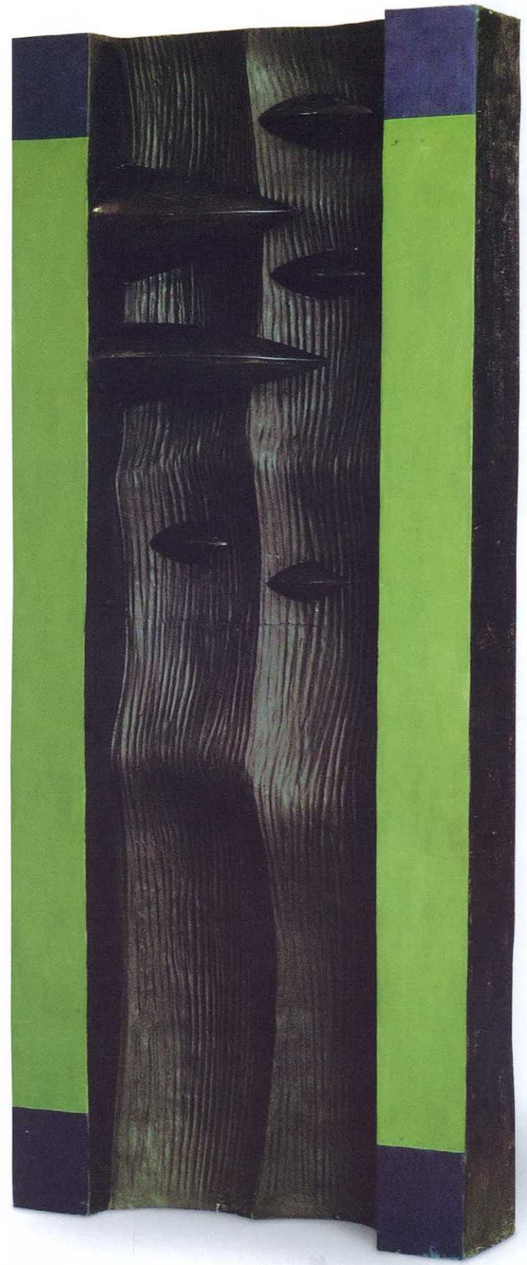
figura antropomorfa
escultura em resina
160 cm x 67 cm x 28 cm
1986
coleção particular

lua, mulher, perfume
escultura em resina
193 cm x 45 cm x 22,5 cm
1986
coleção particular

a forma do corpo I
escultura em resina
66 cm x 79 cm x 27,5 cm
1988
coleção particular

a forma do corpo II
escultura em resina
63,5 cm x 76,5 cm x 21 cm
1988
coleção particular

série xingú: o homem e o rio; o rio
escultura em resina
217 cm x 92 cm x 24 cm
1990



série xingú: o homem e o rio; figura antropomorfa
escultura em resina
266 cm x 60 cm x 22 cm
1990

série xingú: o homem e o rio; figura antropomorfa
escultura em resina
213 cm x 53 cm x 25 cm
1990

série xingú: o homem e o rio; figura antropomorfa
escultura em resina
207 cm x 75 cm x 32 cm
1990

série xingú: o homem e o rio; figura antropomorfa
escultura em resina
259 cm x 47 cm x 29 cm
1990
coleção particular

Gonzaga e o Naturalismo Integral

Pierre Restany (Paris, maio de 2002)

A comunhão com a natureza, realizada por Gonzaga, é tão significativa e ele a transmite por meio de suas obras e textos, comovendo-me profundamente, porque eu a sinto de maneira semelhante. Poderia atribuir-lhe os mesmos termos de meu manifesto do naturalismo integral, que escrevi na Amazônia, na bacia do Alto Rio Negro, numa quinta-feira, 3 de agosto de 1978. O naturalismo integral de Gonzaga é alérgico a toda forma alienante de poder ou da metáfora do poder. O único poder que ele reconhece não será este, destruidor e abusivo, o da sociedade, mas aquele outro, purificador e catártico, o da imaginação a serviço da sensibilidade. O naturalismo assim concebido diferencia-se radicalmente do realismo, que é sempre a metáfora do poder. Isso implica não somente numa maior organização da percepção, mas também, num maior desenvolvimento humano.

O naturalismo integral de Gonzaga se faz da paixão e da iniciação. Numa carta que o artista escreveu-me em 12 de agosto de 2001, ele declara: "Quero embriagar-me com tanta beleza, com a beleza da natureza. Não se trata de alienação. A alienação é o fato de, contra ela, se cometer tanta violência". O indígena da Amazônia, em seu estado natural, em seu ambiente, é um iniciado amoroso da natureza: ele a conserva, respeitando-a. Aculturado e convertido, ele perde o dom do naturalismo integral, o seu contexto inicial de harmonia com a natureza ambiental. Ele começa a executar na floresta, a agricultura sobre queimadas, de maneira abusiva e desmesurada, transformando-se no inimigo nº 1 de seu próprio ambiente.

O percurso poético integral de Gonzaga repousa sobre a recusa radical a esse tipo de alienação. Sua cultura identifica-se plenamente com o conceito da vitalidade global da natureza. É na potência cósmica da fecundação que a natureza detém o mistério da vida. É a partir dessa magia fundamental que o artista procura exprimir-se com suas esculturas, numa linguagem formal que não é nem descritiva nem metafórica, mas emblemática e simbólica sobre os elementos da natureza profunda.

Os elementos dessa natureza profunda referem-se à uma ordem morfológica global que traduz o contrato harmônico entre o homem e os diferentes reinos: animal, vegetal, mineral. As esculturas de Gonzaga expressam a magia desse amálgama formal à maneira de uma concepção animista. As silhuetas humanas são sobrepostas com pescoços em bico de pássaro no lugar das cabeças, evocam em seus corpos a polpa das frutas tropicais e têm, como pele, a casca rugosa das árvores. O recurso da utilização dos materiais sintéticos, no lugar da madeira ou da pedra, acentua o efeito emblemático desses fetiches conceituais modernos que constituem os elementos de uma imaginária atualizada do naturalismo integral.

A escultura "A Noite" (pág. nº 14) é um vulto côncavo que representa um corpo de mulher, no qual o busto é trespassado por uma série de dentes

série xingú: o homem e o rio;
figura antropomorfa
escultura em resina
262,5 cm x 59,5 cm x 25 cm
1990

série xingú: o homem e o rio;
figura antropomorfa
escultura em resina
80 cm x 73,5 cm x 32,5 cm
1990

Pierre Restany, escritor, filósofo, ensaísta; é um dos mais importantes críticos internacionais de arte contemporânea, autor do Manifesto do Rio Negro ("Manifeste du Naturalisme Intégral" - agosto de 1978), um vigoroso libelo em defesa da natureza e de uma nova forma para o pensamento artístico.

pontiagudos que se parecem aos bicos das aves de rapina. Gonzaga realizou num computador uma foto-montagem em que essa figura aparece na clareira de uma floresta, emergindo de uma touceira de arbustos de pequeno porte. O artista conseguiu ali expressar a filosofia completa de sua visão e fornecer a chave da leitura humanista desta obra, altamente simbólica, que faz parte do acervo permanente do Museu de Arte de São Paulo.

"A Sagração da Primavera", um mural de 2,20 x 4,80 m, ornamenta, desde 1999, o espaço de entrada da estação Ana Rosa, do Metrô de São Paulo. Ele representa uma verdadeira cosmogonia da condição humana inserida na natureza. Sobre um fundo cinza-concreto, duas figuras emblemáticas simbolizam o homem e a mulher.

Aos pés do homem, duas formas oblongas e carnudas evocam os frutos da terra. Entre o homem e a mulher, o espaço é ocupado por varetas ineares que formam um discurso de intensa conotação semântica: no alto, um leque de varetas curvilíneas em posição de guarda-chuva aberto esquematiza a estrutura da habitação primitiva, a oca. Um pouco mais distante, uma bastão linear vertical aponta o signo da fecundação. Logo abaixo, um quadrado delimita o espaço do território. Saboreia-se a beleza da natureza no equilíbrio do momento presente. "A Sagração da Primavera" define os signos essenciais dentro do quadro da comunicação vital, o que significa, no espaço do mistério. O espaço do mistério é o da expectativa, o da vigília ao instante mágico da comunicação do ser com as forças da natureza.

O espaço recompõe o tempo. O naturalismo de Gonzaga é de natureza passional e de finalidade global. Ele afirma que o instante mágico é uma questão do tempo e que as forças da natureza seguem as fases do dia, que essas se desenvolvem segundo a seqüência imemorial da aurora para o dia, ao crepúsculo e à noite. A expectativa exasperada da magia da comunicação global aponta para o paroxismo do transe espiritual do artista e o faz transgredir a mais elementar das leis da natureza. Defronte aos quatro grandes relevos que expõe no MARGS de Porto Alegre, (pag. nº 45 e 46), ele apresenta claramente as quatro fases do dia, porém alterando a ordenação da seqüência: em primeiro lugar vem o dia, depois o crepúsculo, a seguir a noite e por fim, a aurora. A aurora no final, porque ela representa, para Gonzaga, o eterno retorno ao nascimento do dia, o momento privilegiado da comunicação global, o instante em que o homem, atento ao espetáculo da natureza, encontra ali o desejo de protegê-la. O naturalismo integral de Gonzaga sintetiza sobre a mais bela das aventuras espirituais, a fé acerca do homem, sobre o dia de hoje e sobre o futuro.

os sons da floresta, em certos momentos I
escultura em bronze policromado
91 cm x 78 cm x 54 cm
1999

os sons da floresta, em certos momentos II
escultura em bronze policromado
94 cm x 72 cm x 39 cm
1999

lugar onde se engendra a vida
escultura em bronze policromado
104 cm x 78 cm x 54 cm
2002

Gonzaga et le Naturalisme Intégral

Pierre Restany (Paris, mai 2002)

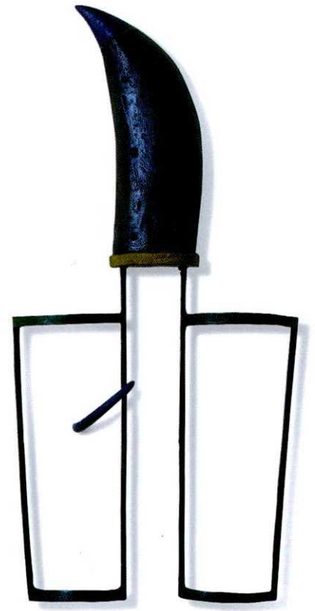
L'approche de la nature chez Gonzaga telle qu'il nous la transmet à travers ses oeuvres et ses écrits, m'émeut profondément parce que je la sens mienne. Je peux lui appliquer les termes-mêmes de mon manifeste du naturalisme intégral, que j'ai rédigé en Amazonie, sur le bassin du haut Rio Negro, le jeudi 3 août 1978. Le naturalisme intégral de Gonzaga est allergique à toute forme aliénante de pouvoir ou de métaphore de pouvoir. Le seul pouvoir qu'il reconnaît n'est pas celui, destructeur et abusif, de la société mais celui, purificateur et cathartique, de l'imagination au service de la sensibilité. Le naturalisme ainsi conçu se différencie radicalement du réalisme, qui est toujours la métaphore du pouvoir. Il implique non seulement la plus grande discipline de la perception mais aussi la plus grande ouverture humaine.

Le naturalisme intégral de Gonzaga tient à la fois de la passion et de l'initiation. Dans une lettre qu'il m'a écrite le 12 août 2001 Gonzaga me déclare : "Je veux m'enivrer de tant de beauté, la beauté de la nature. Ce n'est pas de l'aliénation. L'aliénation est le fait de celui qui commet la violence". L'amérindien d'Amazonie, tribalisé, est un initié amoureux de la nature : il s'en sert en la respectant. Détribalisé et converti, il perd ce don du naturalisme intégral, ce rapport d'harmonie avec la nature ambiante. Il continue à pratiquer dans la forêt l'agriculture sur brûlis, mais dans l'abus et la démesure, et devient l'ennemi n° 1 de son propre environnement.

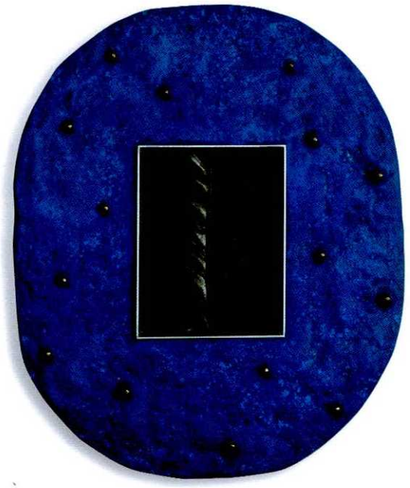
L'entière démarche poétique de Gonzaga repose sur le refus radical de ce genre d'aliénation. Sa culture s'identifie pleinement au concept de vitalisme global de la nature. C'est dans sa force cosmique de fécondation que la nature détient le mystère de la vie. C'est cette magie fondamentale que l'artiste cherche à exprimer dans ses sculptures à travers un langage formel qui n'est ni descriptif ni directement métaphorique, mais emblématique et symbolique des éléments de la nature profonde.

Les éléments de cette nature profonde se réfèrent à un ordre morphologique global qui traduit l'accord harmonique entre l'homme et les différents règnes : animal, végétal, minéral. Les sculptures de Gonzaga expriment la magie de cet amalgame formel à la manière d'un concept animiste. Les silhouettes humaines surmontées d'un cou en bec d'oiseau à la place de la tête, évoquent dans leur chair la pulpe des fruits tropicaux et dans leur peau l'écorce rugueuse des arbres. Le recours à des matériaux synthétiques, à la place du bois ou de la pierre, accentue l'effet emblématique de ces fétiches conceptuels modernes, qui constituent les éléments d'une statuaire actualisée du naturalisme intégral.

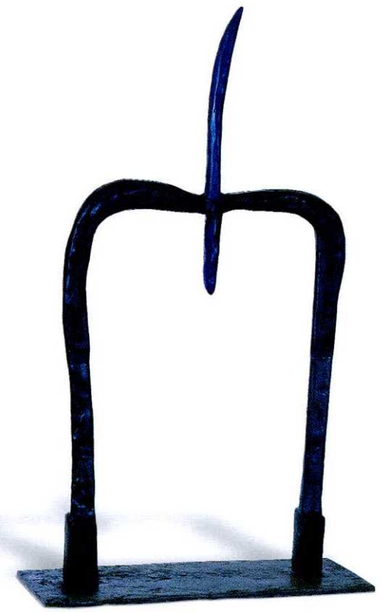
a flor que germina à noite I
escultura em bronze policromado
94 cm x 45 cm x 10,5 cm
1999



noturno I
escultura em resina, alumínio,
latão e pigmentos naturais
83 cm x 64 cm x 8 cm
2001



uma parte daquele jardim
escultura em bronze policromado
43 cm x 55 cm x 19 cm
2002



ave noturna
escultura em bronze policromado
68 cm x 33 cm x 4 cm
2002

Pierre Restany (Paris, France), écrivain, philosophe, auteur d' éssais, est l'un des plus importants critiques internationaux d'art contemporain. Il est l'auteur du Manifeste du Rio Negro ("Manifeste du Naturalisme Intégral" - août 1978), une vigoureuse prise de position em défense de la nature et d'une forme nouvelle de pensée artistique.

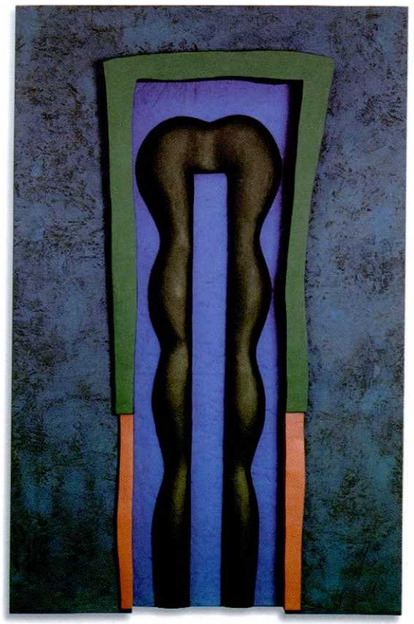
La sculpture "La nuit" figure en creux l'effigie d'un corps de femme dont le buste est transpercé par une série de crocs épineux qui ressemblent à des becs d'oiseaux prédateurs. Gonzaga en a réalisé sur ordinateur un photo-montage qui la figure dans une clairière de forêt émergeant d'une touffe de fougères basses. L'artiste a voulu exprimer l'entière philosophie de sa vision et donner la clé de lecture humaniste de cette pièce hautement symbolique qui fait partie de l'archive permanente du Musée d'Art de São Paulo.

"Le sacre du printemps", un mural de 2,20 x 4,80 m, orne depuis 1999 le hall d'entrée de la station Ana Rosa du métro de São Paulo. Il représente une véritable cosmogonie de la condition humaine dans la nature. Sur un fond gris-béton, deux figures emblématiques symbolisent l'homme et la femme. Aux pieds de l'homme deux formes oblongues et charnues évoquent les fruits de la terre. Entre l'homme et la femme l'espace est occupé par des tiges linéaires qui forment un discours à forte connotation sémantique: en haut, un faisceau de tiges courbes en position de parapluie ouvert schématise la structure de l'habitat primitif, la hutte. Un peu plus loin, une verge linéaire verticale marque le signe de la fécondation. Vers le bas, un carré délimite le siège du territoire. La beauté de la nature se savoure dans l'équilibre du moment présent. "Le sacre du printemps" définit les signes essentiels du cadre de la communication vitaliste, c'est-à-dire l'espace du mystère. L'espace du mystère est celui de l'attente, de l'attente de l'instant magique de la communication de l'être avec les forces de la nature.

L'espace rejoint le temps. Le naturalisme de Gonzaga est de nature passionnelle et de finalité globale. Il sait que l'instant magique est une question de temps et que les forces de la nature suivent les phases du jour, qui se déroulent selon la succession immémoriale de l'aurore au jour, au crépuscule et à la nuit. L'attente exaspérée de la magie de la communication globale atteint le paroxysme de la transe spirituelle chez l'artiste et lui fait transgresser la plus élémentaire des lois de la nature. Dans les quatre grands reliefs qu'il expose au MARGS de Porto Alegre, il présente bien les quatre phases du jour, mais il en bouleverse l'ordre de succession : d'abord le jour, puis le crépuscule, la nuit et enfin l'aurore. L'aurore en dernier lieu, parce qu'elle représente pour Gonzaga l'éternel devenir à la naissance du jour, le moment privilégié de la communication globale, le moment où l'homme attentif au spectacle de la nature doit y puiser la volonté de la protéger. Le naturalisme intégral de Gonzaga débouche sur la plus belle des aventures spirituelles, la foi en l'homme, celui d'aujourd'hui et celui de demain.

série fases do dia: o dia
escultura em resina e ferro
245 cm x 159 cm x 20 cm
2002

série fases do dia: o crepúsculo
escultura em resina e ferro
245 cm x 159 cm x 20 cm
2002



série fases do dia: a noite
escultura em resina e ferro
245 cm x 159 cm x 20 cm
2002

série fases do dia: a aurora
escultura em resina e ferro
245 cm x 159 cm x 20 cm
2002

Currículo

Luiz Gonzaga Mello Gomes é natural de Júlio de Castilhos, RS (1940). É conhecido nacionalmente como Gonzaga, nome artístico que adota desde o início de sua carreira, durante os anos 60. Inicialmente desenvolve-se durante um breve período como artista autodidata, realizando intuitivamente sua primeira escultura aos 14 anos (1954), quando modela com cal e cimento um pequeno torso feminino, obra talismã do artista, que está sendo apresentada ao público nesta exposição, pela primeira vez. Posteriormente, desenvolve seus estudos direcionados à vida artística, (seguindo os fundamentos de sua vocação precoce) graduando-se em escultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, em 1966. Metódico e profundamente concentrado ao seu trabalho, conclui seu aperfeiçoamento em 1968, também dedicado à escultura, pela UFRGS. É professor na Escola de Artes na Universidade Federal de Santa Maria, RS, de 1969 a 1985. Conquista uma bolsa para especialização de seus estudos na Espanha, de 1978 a 1980, em pintura mural, na Escuela de Bellas Artes San Fernando, da Universidade de Madri. Retorna ao Brasil em 1980. Trabalha como artista escultor enquanto leciona na UFSM, em Santa Maria, até1985. Transfere-se para Porto Alegre em 1985. É Professor Titular do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de 1985 a 1996. Retorna para período de doutorado em escultura, na Escuela de Bellas Artes San Fernando, Madri, na Espanha, de 1991 a 1993. Volta ao Brasil em 1993, interrompendo o curso de doutorado. Mantêm seu ateliê de esculturas em funcionamento na cidade de Porto Alegre, RS.

Principais Exposições Individuais

2002 - MARGS - Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli - Seminal - Esculturas - Porto Alegre RS
1999 - Galeria Skultura - A Sagração da Primavera - Esculturas Recentes - São Paulo SP
1997 - Galeria Bolsa de Arte - Esculturas / Relevos - Porto Alegre RS
1995 - Pinacoteca Barão de Santo Ângelo - Instituto de Artes UFRGS - Artista Homenageado - Porto Alegre RS
1991 - Galeria Bolsa de Arte - Esculturas - Porto Alegre RS
1991 - Galeria Skultura - Esculturas - São Paulo SP
1989 - Galeria Bonino - Esculturas - Rio de Janeiro RJ
1989 - Galeria Skultura - Esculturas - São Paulo SP
1986 - MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - Esculturas - São Paulo SP
1986 - Galeria Bonino - Esculturas - Rio de Janeiro RJ
1980 - Galeria da Casa do Brasil - Madri Espanha
1975 - MARGS - Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli - Porto Alegre RS

Principais Exposições Coletivas

1996 - Arte Sul - Porto Alegre RS
1996 - I Porto Alegre em Montevidéo - Montevidéo - Uruguai
1992 - Bienal Internacional de Barcelona - Espanha (Artista Convidado)
1991 - Panorama da Arte Atual Brasileira - Formas Tridimensionais - MAM - São Paulo SP (Artista Convidado)
1991 - XXI Bienal de São Paulo - São Paulo SP
1991 - A Bienal de São Paulo e o Rio Grande do Sul (Artista Convidado) - MARGS - Porto Alegre RS
1988 - 1º Salão Baiano de Artes Plásticas - Salvador BA
1988 - Faculty + 1 (Artista Convidado) - The City College City University of New York EUA
1988 - Panorama da Arte Atual Brasileira - Formas Tridimensionais - MAM - São Paulo SP (Artista Convidado)
1988 - I Bienal de Escultura ao Ar Livre - Rio de Janeiro RJ (Artista Selecionado)
1986 - Salão Nacional de Artes - Seção Sul - Porto Alegre RS
1886 - V Bienal Ibero Americana de Arte - Cidade do México - México
1985 - Panorama da Arte Atual Brasileira - Formas Tridimensionais - MAM - São Paulo SP
1882 - IV Bienal Ibero Americana de Arte - Cidade do México - México

Premiações

1995 - Primeiro Lugar - Concurso para escolha do Monumento aos Mortos e Desaparecidos Políticos - Porto Alegre RS
1988 - Prêmio Destaque em Escultura (Prêmio Sarney) São Paulo SP
1988 - Prêmio Escultura - I Salão Baiano de Artes Plásticas Salvador BA
1967 - 1º Prêmio em Escultura - III Salão Cidade de Porto Alegre Porto Alegre RS

Obras Públicas

1999 - A Sagração da Primavera - Painel escultórico na Estação Ana Rosa - Metrô de São Paulo SP
1995 - Memorial aos Mortos e Desaparecidos Políticos - Primeiro Lugar em Concurso Público - Parque Marinha do Brasil - Orla do Rio Guaíba - Porto Alegre RS
1977 - Escultura em Homenagem ao Conhecimento - Universidade Federal de Santa Maria - Reitoria - Santa Maria RS

gonzaga em seu ateliê de porto alegre, com suas filhas, talita e manuela (1988)

Logística e Créditos da Exposição Gonzaga

MARGS - Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli

Diretor: Fábio Luiz Borgatti Coutinho

Núcleo de Acervo: Amilcar de Oliveira Pinto, Janine Silva Gomes, Haik Yermia Khatchirian, Janine Silva Gomes, Mariana Fraga Antunes, Ubiratã Braga

Núcleo Administrativo: Deborah Terezinha Alves Pereira, Loriley Domingues, Luiz Carlos Soares Ramos, Maria Tereza Heringer, Sélvia Corrêa, Solveigue Nascimento, Ecos Gonzalez, Seloí de Lima Teixeira

Núcleo de Comunicação: Cida Golin, Ana Maria Brambilla, Célia Damasceno

Núcleo de Conservação e Restauração: Fernanda de Tartler Matschinske, Loreni Pereira de Paula, Naida Maria Vieira Corrêa

Núcleo de Documentação e Pesquisa: Beatriz Fichtner Marodin, Cristina Torres de Almeida, Gilberto Esber Elias, Marina Bonini Mieli, Suzana Beatriz Lima Branco, Vera Regina Luz Grecco

Núcleo de Exposição: Ana Bazzo, Leandro Machado dos Santos, Tiago Ingrassias Pereira

Núcleo de Extensão: Eliane Terezinha Castro Cougo, Vera Beatriz Fedrizzi, Vera Lúcia Machado da Rosa

Núcleo de Manutenção: Carlos Alfredo Amaral

Limpeza: Higisul

Responsável pela Vigilância: Ten. Paulo Soares Testa

Exposição Gonzaga - Seminal

Projeto: Fábio Luiz Borgatti Coutinho e Luiz Gonzaga Mello Gomes

Curadoria: Alfredo Aquino

Divulgação: Núcleo de Comunicação MARGS

Museografia: Alfredo Aquino

Montagem: Núcleo de Exposição MARGS

Marcenaria e pintura: Zomer Móveis S.A.

Tintas: Killing S.A.

Transporte das obras: Ouro e Prata

Textos: Fábio Luiz Borgatti Coutinho, Eugênia Gorini Esmeraldo, Pierre Restany

Projeto Gráfico: Alex Medeiros e Alfredo Aquino

Editoração Eletrônica: Samanta Paleari

Reproduções fotográficas das obras: Pierre Yves Refalo

Fotografias do artista: Arquivos de Luiz Gonzaga Mello Gomes

Revisão: Ana Maria Brambilla, Christina Torres de Almeida e Vera Regina Luz Grecco

Monitores: Adriana Ganzer, Andréa Ortiz, Cacilda Costa, Dione Campello Costa, Dirce Zalewsk, Edinara Souza, Elsa Vasconcellos, Flávio Antônio Gil, Iara Nunnenkamp, Ieda Martins, Iná Ilse de Lara, Isaíra de Oliveira, Kelen Mokwa, Lenir Maria Perondi, Lilian Vigna, Loreta Ramos, Lucia Gomes, Maria Adalete Ruwer, Maria Helena Pereira, Maria Regina Marques Teixeira, Mery Olmedo, Nara Lúcia Vieira, Sônia Beatriz Bueno, Sônia Beatriz Lopes, Tânia Meurer Tipa, Tarcila Martins Campos

Agradecimentos: o artista Gonzaga faz um agradecimento especial aos esforços e apoios recebidos de Cézar Prestes, Angela Varela, Paula Ramos, Pierre Yves Refalo, Eugênia Gorini Esmeraldo Pierre Restany e Neusa Demartini Gomes, fundamentais e decisivos para realização desta sua mostra no MARGS.

© Todos os direitos são reservados aos autores dos textos, das reproduções fotográficas e esta edição em seu conjunto ao MARGS - Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli -, não sendo permitida a reprodução parcial ou total da obra, sem a prévia autorização por escrito por parte dos detentores dos respectivos direitos.

MARGS

MUSEU DE ARTE
DO RIO GRANDE DO SUL
ADO MALAGOLI

MARGS - Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli

Praça da Alfândega, s/nº
Centro - Porto Alegre RS
CEP 90010 - 150
Telefone: (51) 32 27 23 11
Fax: (51) 32 21 26 46

www.margs.org.br

Horário de Visitação:
de terça-feira a domingo
das 10h às 19h

Realização

MARGS

MUSEU DE ARTE
DO RIO GRANDE DO SUL
ADO MALAGOLI

GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria da Cultura

Apoio

ATIVA
o caminho dos resultados

VARIG
Brasil

HOTEL PLAZA
SÃO RAFAEL

MIOLO
Vinhedos e Vinhos Finos

OURO E PRATA
CARGAS

APLAUSO
Cultura em Revista

TINTAS
killing

MARGS

MUSEU DE ARTE
DO RIO GRANDE DO SUL
ADO MALAGOLI